

PAULA DE SOUZA PAES

JORNALISTAS FRANCESES DIANTE DE UM PROBLEMA DE VIOLÊNCIA URBANA: COMPETÊNCIAS E TÉCNICAS INTERIORIZADAS

*PERIODISTAS FRANCESES FRENTE A UN
PROBLEMA DE VIOLENCIA URBANA:
HABILIDADES Y TÉCNICAS INTERIORIZADAS*

*FRENCH JOURNALISTS FACING A PROBLEM OF
URBAN VIOLENCE: ABILITIES AND TECHNIQUES
INTERIORIZED*

Recebido em: 21 fev. 2016

Aceito em: 07 maio 2016

Paula de Souza Paes: Université Grenoble-Alpes
(Grenoble, França).

Mestre e Doutora pela Universidade Grenoble-Alpes e
pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa GRESEC
- em Grenoble, França. Ganhou o prêmio de tese 2015
da Escola Doutoral da Université de Grenoble-Alpes.

Contato: paulasouzapaes@gmail.com

ISSN (2236-8000)

RESUMO

Este trabalho aborda o processo de produção jornalística da mídia francesa sobre um caso de violência envolvendo moradores de periferia. Através de entrevistas realizadas com jornalistas nacionais e locais, apontamos a maneira pela qual um caso dito de “violência urbana” é interpretado como um problema relacionado a jovens franceses descendentes de imigrantes. Nossa hipótese é a de que os jornalistas interiorizam normas profissionais que contribuem à institucionalização do problema da imigração na França. Nossa abordagem é baseada nas concepções dos jornalistas dos problemas urbanos, levando em conta as interdependências que esses profissionais estabelecem com os seus interlocutores.

PALAVRAS-CHAVES: práticas jornalísticas; violência urbana; normas profissionais.

RESUMEN

En este trabajo se aborda el proceso de producción periodística de los medios de comunicación franceses acerca de un caso de violencia que involucra a los residentes de las afueras de Grenoble. Basado en entrevistas con periodistas nacionales y locales, hemos señalado cómo este evento llamado “violencia urbana” se interpreta como un problema relacionado con los jóvenes francés descendientes de inmigrantes. Nuestra hipótesis es que los periodistas interiorizan las normas profesionales que contribuyen a la institucionalización del problema de la inmigración en Francia. Nuestro enfoque se basa en las concepciones de los periodistas de los problemas urbanos, teniendo en cuenta las interdependencias que estos profesionales establecen con sus interlocutores.

PALABRAS-CHAVES: periodísticas; la violencia urbana; normas profesionales.

ABSTRACT

This paper addresses the journalistic production process of the French media about a case of violence involving the residents of Grenoble outskirts. Based on interviews with national and local reporters, we have pointed how this event called “urban violence” is interpreted as a problem related to French people who are descendants of immigrant. Our hypothesis is that journalists internalize professional standards that contribute to the institutionalization of the problem of immigration in France. Our approach is based on the conceptions of journalists of urban problems and takes into account the interdependencies that these professionals establish with their interlocutors.

KEYWORDS: journalistic practices; urban violence; professional standards.

INTRODUÇÃO

O artigo discute a maneira pela qual a produção de informação sobre casos de violência ocorridos em zonas urbanas sensíveis¹ revela normas profissionais dos jornalistas da imprensa nacional e regional na França. Nosso estudo de caso se refere aos incidentes ocorridos durante o verão do ano de 2010 na área residencial chamada Villeneuve, situada na cidade de Grenoble, na França. Alguns habitantes provocam três noites de violência depois da morte de Karim Boudouda, descendente de imigrantes² e residente local. No dia 16 de julho de 2010, Karim Boudouda foi assassinado pela polícia na Villeneuve depois de um assalto de um cassino localizado na cidade de Uriage-les-bains (cidade situada no departamento do Isère, próximo de Grenoble). Houve uma perseguição e de trocas de tiros com a polícia. Alguns moradores da Villeneuve, insatisfeitos com a morte do jovem adulto, incendiam carros e lixeiras e jogam pedras contra os policiais. Houve também trocas de tiros com a polícia. Os responsáveis desses atos de violência eram principalmente jovens homens adultos.

Diante desses incidentes, o artigo busca responder as seguintes perguntas: quais explicações foram mobilizadas pelos jornalistas? Como eles se envolveram na cobertura desse tipo de incidente? A hipótese que guia esse artigo é a de que os jornalistas interiorizam normas profissionais que contribuem à institucionalização do problema da imigração na França. Conforme testemunham Peter BERGER e Thomas LUCKMAN (1966), o processo de institucionalização ocorre quando as experiências são classificadas e tipificadas. Os jornalistas interiorizam técnicas - recorrem a modelos de evento, tipificam situações e lugares - que se tornam normas profissionais.

Diferentes universos sociais participam da publicização da temática imigração. Entretanto, a análise visa estudar principalmente os espaços jornalísticos. Eles ocupam um lugar importante na *mise en forme* de uma questão pública. A perspectiva que nós propomos neste artigo não é, entretanto, media-centrista: os jornalistas não são os únicos atores envolvidos na produção da atualidade. A relação de interdependência com os interlocutores é estrutural (RINGOOT; RUELLAN, 2006:70). O trabalho das mídias consiste em reportar e explicar a “realidade comum” e diz respeito a um trabalho de escrita que dá forma à essa realidade “que nunca se apresenta nua, toda crua”, como escreve Yves DE LA HAYE (1975:119). Dessa maneira, o artigo propõe uma reflexão sobre as relações que entretém os profissionais da mídia e a sociedade, como salienta Norbert ELIAS (1991:55), o indivíduo e a sociedade não são “substâncias isoladas”. Nesse sentido, os jornalistas são definidos aqui como “jogadores” que participam de uma “rede de interdependências” (1991:160). A rede é baseada no equilíbrio de forças entre os indivíduos. É nessa relação de interdependência que os indivíduos dão sentido às suas ações. As relações dos jornalistas com suas fontes estão sujeitas a flutuações que revelam mudanças em termos do papel desempenhado por elas: às vezes elas são aliadas, às vezes atuam como adversários.

A noção de reenquadramento midiático (ESQUENAZI, 2002) é primordial para análise, porque ela permite considerar a produção midiática enquanto produção coletiva. Inspirado pela sociologia de Erving

¹ De acordo com a definição oficial, zona urbana sensível é um território urbano definido pelo governo para ser o alvo principal da política urbana. Definição disponível no site acessado no dia 26 de fevereiro de 2014: <http://www.vie-publique.fr/th/glossaire/zone-urbaine-sensible-zones-urbaines-sensibles.html>.

² O termo “descendente de imigrantes” não é definido oficialmente. Nós fazemos referência à definição utilizada pelo Insee (Institut national de la statistique et des études économiques): “é descendente de imigrantes toda pessoa nascida na França tendo ao menos o pai ou a mãe imigrante”. BREEM, Yves. Les descendants d’immigrés. *Info migrations*, nº15, juillet 2010. O jovem adulto, Karim Boudouda, que tinha 27 anos, era filho de argelinos. Seu caso corresponde assim à definição.

³ « Qui ne se présente jamais nue, toute crue ».

⁴ Outros pesquisadores também trabalham com essa noção, como por exemplo Robert M. ENTMAN (1993). Entretanto, neste artigo fazemos referência especialmente a ESQUENAZI e a GOFFMAN, uma vez que seguimos a abordagem do pesquisador francês que propõe uma sociologia do discurso midiático baseada no trabalho do sociólogo americano. Em seu livro sobre esse tema, ESQUENAZI (2002) define esse campo de estudo como uma sociologia que visa compreender como os discursos revelam as etapas de sua produção e como eles suscitam interpretações, apropriações e negações.

⁵ « Poteau indicateur qui donne des directives pour construire des faits ».

⁶ Entrevistamos também 11 agentes territoriais da municipalidade de Grenoble e da Prefeitura de Departamento do Isère, como a antiga diretora departamental de segurança pública, citada neste artigo. Os outros atores entrevistados foram as associações de defesa dos direitos dos estrangeiros e de moradores da Villeneuve.

⁷ Com o objetivo de caracterizar as práticas infocomunicacionais sobre a imigração, nós constituímos, em um primeiro momento, um corpus de artigos jornalísticos publicados durante 1985 a 2011. Em um segundo momento, foi realizada uma análise de conteúdo sobre os incidentes na Villeneuve, durante o período de 1 ano (julho de 2010 - julho de 2011), dos jornais nacionais *Le Monde* e *Libération*; do jornal regional *Le Dauphiné Libéré* e da revista semanal *Le Nouvel Observateur*. A escolha do corpus se justifica pela sua dimensão territorial (imprensa nacional e regional) e temporal: uma revista semanal tem uma relação diferente dos (CONT.)

Goffman, ESQUENAZI propõe essa noção de reenquadramento que diz respeito às práticas de jornalistas na seleção, no tratamento e na *mise en scène* da realidade dos diferentes espaços sociais que eles reportam⁴. Trata-se, dessa forma, da maneira pela qual as mídias selecionam e hierarquizam a atualidade. O termo “enquadramento” (*cadre ou framing*) é utilizado aqui em referência ao que GOFFMAN (1974) definiu: “modos distintos de estruturação da experiência”. Ou seja, são maneiras próprias de apreender uma determinada situação. Entretanto, como lembra ESQUENAZI (2002:41), o enquadramento não é uma regra que determina o sentido de uma experiência: ele é um ângulo de apresentação ou principalmente uma “placa que indica as diretrizes para a construção de fatos⁵. Essas diretrizes podem, dessa forma, mudar com o tempo porque o enquadramento midiático está submetido às condições do campo: a concorrência entre as mídias e as relações entre jornalistas e interlocutores.

Nessa perspectiva, a informação não é entendida como “uma simples informação” (DELFORCE, NOYER, 1999:15), os atores sociais não são “dessocializados”, e os jornalistas não são “simples vetores de informação”. O objetivo é de restituir as condições sociais da produção de informação jornalística sobre os incidentes, se interessando aos jornalistas que trataram os atos de violência - e as suas concepções do problema - e às matérias jornalísticas publicadas sobre o assunto. Nós realizamos 34 entrevistas semi-estruturadas entre abril de 2011 e março de 2012, sendo 18 delas com jornalistas de jornal impresso (*Le Monde*, *Libération*, *Le Dauphiné Libéré*, *l'AFP*), de rádio (*France Inter*, *France Bleue Isère*) e de televisão (*France 3*, *Télé Grenoble*) que atuaram na produção de informação sobre esses incidentes⁶. Em relação aos artigos jornalísticos, foram analisados 232 publicados em jornais nacionais, em uma revista semanal e em um jornal regional⁷. Dessa forma, o artigo propõe uma reflexão sobre a maneira pela qual os jornalistas tentam explicar as violências urbanas a partir de suas lembranças: quais habilidades profissionais eles revelam ter? Os jornalistas agem de maneira consensual?

Confrontando as declarações dos jornalistas através de entrevistas com o conteúdo dos artigos, nós tentaremos compreender as diretrizes que nortearam a produção de informações sobre os incidentes no bairro de Villeneuve em Grenoble em 2010: as interdependências desses profissionais com os interlocutores, as estratégias editoriais e os limites que interferem na produção jornalística. O termo “estratégias” é entendido no sentido elaborado por Pierre BOURDIEU (2002:119). Segundo o sociólogo francês, uma postura estratégica não é o resultado “de uma busca consciente (e calculada, cínica), mas um efeito automático de pertencimento ao campo e do domínio da história específica do campo que ela implica⁸”.

Antes de comermos a análise a partir dos incidentes na Villeneuve é primordial abordar a emergência dos casos ditos de violência urbana nas periferias na França.

EMERGÊNCIA DOS CASOS DE VIOLÊNCIA URBANA NA DÉCADA DE 80

Os atos de violência ocorridos em Grenoble em 2010 não foram o primeiro caso de violência urbana ocorrido no país. O “mal-estar” nas periferias emerge principalmente nos anos 80, que foram marcados por

mobilizações sociais (traduzidas como “le mouvement beur”⁹), originadas nos subúrbios e impulsionadas principalmente por descendentes de imigrantes. Os motivos dessas mobilizações eram principalmente: as más condições de vida nos bairros (muitos edifícios se encontravam deteriorados), as dificuldades escolares e as dificuldades de jovens filhos de imigrantes de entrar no mercado de trabalho. Em 1981, moradores da área residencial chamada Minguettes, no subúrbio de Lyon, entraram em confronto com a polícia (COLLOVALD, 2001). Líderes políticos se mobilizam e adotam medidas que visam reabilitar bairros de habitação social e melhorar a formação profissional dos jovens moradores de periferia. Na presidência de François Mitterrand (1981-1995), houve a criação de zonas de educação prioritárias e o estabelecimento de Comissões Nacionais (para a integração profissional dos jovens em dificuldade, a recuperação de áreas degradadas de habitação e a criação de comissões de prevenção da criminalidade) (LAFARGE, 2002:68).

Outras situações de violência surgiram em algumas cidades francesas ao longo dos 90 anos e 2000, como por exemplo, os incidentes em Vaulx-en-Velin em 1990, cidade localizada na periferia de Lyon. Desta vez, durante uma fiscalização da polícia, uma motocicleta capotou e o passageiro que estava na parte de trás do veículo (um jovem de 18 anos de origem italiana com poliomielite) morreu na queda. Acusando a polícia da morte desse jovem, uma centena de pessoas incendiaram carros, lojas e atiraram pedras contra a delegacia de polícia em Vaulx-en-Velin (CHAMPAGNE 1991: 67).

Já em outubro de 2005, atos de violência aconteceram na periferia de Paris quando um grupo de adolescentes, que acabava de voltar de um jogo de futebol, é perseguido pela polícia em Clichy-sous-Bois (no departamento de Seine-Saint-Denis em Paris). Os policiais suspeitam que eles tenham cometido furtos em terreno baldio perto do jogo de futebol. Dois dos jovens - um filho de pais oriundos do Mali, o outro da Tunísia - se refugiaram no telhado de um transformador elétrico EDF (empresa fornecedora de energia e serviços na França) e morrem eletrocutados. Na ocasião desse incidente, o então ministro do Interior, Nicolas Sarkozy (2002-2004/2005-2007), se pronuncia publicamente e afirma que esses jovens eram “ladrões” que fugiam da polícia (HADJ, 2005: 526). As reações de alguns moradores foram diversas (vários ônibus e carros foram incendiados e policiais ficaram feridos) e logo se espalharam para as outras periferias do país.

Em 2007, foi a vez de Villiers-le-Bel (cidade situada ao norte de Paris), quando dois adolescentes descendentes de imigrantes - Moushin e Laramy, com 15 e 16 anos respectivamente - foram mortos em uma colisão entre sua moto e um carro de polícia. Na sequência desse incidente, os atos de violência contra policiais e dentro de alguns edifícios públicos e lojas duraram dois dias.

Buscamos demonstrar que os incidentes ocorridos na década de 80 em Minguettes desempenharam o papel de “evento-modelo” (ESQUENAZI, 2002:79). Eles servem de referência aos jornalistas em sua interpretação dos incidentes nas periferias no momento dos incidentes na Villeneuve. O “modelo” se traduz pela definição de uma situação (os atos de violência), mas também de definição dos atores relativos a essa situação (no caso, os jovens franceses descendentes de imigrantes). “Um fato torna-se

(CONT.) jornais diários com a temporalidade de um fato. Nosso objetivo era de compreender a relação entre a posição do jornalista (jornalista especializado, editoralista ou correspondente), seu “modo de ataque” (os métodos utilizados: enquetes, observação ou acompanhamento de conferências de imprensa) e os interlocutores entrevistados (fontes institucionais, associativas ou experts). A análise é fruto de um trabalho de tese, na área de comunicação realizado pela autora na Université Grenoble-Alpes, intitulada “Communication publique et pratiques journalistiques au prisme des mutations sociales: la question de l’immigration en France (1980-2010)”, Tese sob a direção de Isabelle Paillart, Gresec, 25 de novembro de 2014..

⁸ « D’une recherche consciente (et calculée, cynique) mais un effet automatique de l’appartenance au champ et de la maîtrise de l’histoire spécifique du champ qu’elle implique.

⁹ Os anos 80 foram marcados na França por mobilizações coletivas como a “marcha pela igualdade e contra o racismo”, organizado em 1983 por jovens adolescentes e adultos, a maioria filhos de argelinos. O objetivo era questionar pacificamente a invisibilidade deles enquanto cidadãos franceses. Conhecido como o “movimento Beur”, essa mobilização é recebida pelo Presidente na época, François Mitterrand, que anuncia a criação de uma autorização de residência para estrangeiros por dez anos no país. (BEAUD; MASCLLET, 2006).

¹⁰ « Un fait devient compréhensible quand il est placé dans une configuration où il voisine avec d'autres faits ».

¹¹ « L'application d'un cadre nous prépare à entendre un certain type d'explication : tout jeu de langage associe un mode descriptif à un mode interprétatif ».

compreensível quando ele é colocado em uma configuração onde ele faz fronteira com outros fatos¹⁰», escreve Jean-Pierre ESQUENAZI (2002:78). Isso corresponde a enquadrar um fato, dando-lhe uma explicação. “A aplicação de um enquadramento nos prepara para ouvir um certo tipo de explicação: todo jogo de linguagem combina um modo descritivo a um modo interpretativo¹¹” (2002:76). Enquadrar é associar um fato a uma configuração específica que é definida como um evento. Nessa lógica, cada novo incidente nas periferias refere-se ao último evento considerado de violência urbana.

Um artigo publicado no *Le Monde* em 1999 mostra que a interpretação de uma situação sempre se refere a situações passadas. Ele faz um “balanço” dos incidentes ocorridos nas periferias francesas desde 1981, destacando os vinte anos de conflitos esporádicos (*vingt ans d'embrassements sporadiques*), que ocorreram na França durante os anos 80 e 90. O artigo aponta que, em cada incidente há “sempre como protagonistas os jovens descendentes de imigrantes” (Figura 1).

Figura 1 : « Les auteurs de violence dans les Bas-Rhin écopot de peines de détention ferme », *Le Monde*, 6 de janeiro de 1999.



Esse enquadramento consiste em associar um local (a periferia ou zonas urbanas sensíveis) com um grupo populacional que vive por lá: os jovens adultos descendentes de imigrantes. Dessa forma, reforça a maneira pela qual a imigração é tida como um problema. O termo “jovens”, usado muitas vezes pelos jornalistas, subentende jovens descendentes de imigrantes (SEDEL, 2007). Os vários casos de violência cometidos nas áreas de periferia são interpretados pelos jornalistas como incidentes referentes aos mesmos problemas sociais, porque eles revelam uma cadeia de interpretação: os jovens imigrantes, os atos de violência (confrontos com as forças de segurança) e a periferia.

AS LÓGICAS PROFISSIONAIS NA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE A IMIGRAÇÃO

O PESO DA URGÊNCIA E DAS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

As entrevistas que realizamos com os jornalistas que cobriram os incidentes na Villeneuve em 2010 revelam que esses profissionais tendem a recorrer a incidentes já ocorridos em periferias para explicar o que aconteceu na cidade de Grenoble. Tomemos por exemplo um jornalista do *Le Monde* que foi para Grenoble no momento dos incidentes e já tratou de outros casos de violência nos subúrbios franceses, como em Clichy-sous-Bois em outubro de 2005 e em Villiers-le-Bel em 2007. O jornalista do *Le Monde* é um jornalista experiente, com trinta anos de carreira. Hoje, é o que tem mais experiência dentre os jornalistas entrevistados no tratamento de casos de violência na periferia. Ele explica como a redação do *Le Monde* reagiu quando os jornalistas ficaram sabendo dos incidentes na Villeneuve. Notamos que as experiências anteriores do jornalista desempenharam um papel de guia, como ele mesmo afirma a seguir:

Quando houve as revoltas na Villeneuve, a pergunta que foi feita foi a seguinte: será que essas revoltas são como aquelas que vimos em 2005? Eu fui para Villeneuve e foi o que eu pensei imediatamente, quando eu conversei com o editor na época. Ela me ligou para dizer “Como é que vamos fazer?” “O que você pode observar? Eu disse: “Olha, isso não tem nada a ver com as revoltas de Villiers-le-Bel, nada a ver com as revoltas de 2005. (Jornalista do *Le Monde*, Entrevista realizada no dia 7 de dezembro de 2011)

Antes mesmo de ir para Grenoble, o jornalista inscreve os incidentes na Villeneuve em um “modelo” de acontecimento: trata-se *a priori* de um caso de violência envolvendo descendentes de imigrantes. Na época dos incidentes na Villeneuve, ele escreveu os primeiros artigos, entrando em contato com suas fontes de costume, principalmente a polícia, os advogados e procuradores. O jornalista não cita os moradores como fonte, como ele relata na seguinte passagem:

Nós, aqui em Paris, fazemos o jornal do sábado de manhã [17 de julho de 2010], e descobrimos a partir da leitura de releases, de ouvir a rádio, esses incidentes. Então, o que fazemos? Nós fizemos um artigo rapidamente com os elementos obtidos através de releases e de três ligações que fizemos para a prefeitura, a polícia, para tentar obter mais algumas informações. Então, uma vez que tínhamos terminado, nós fomos para Grenoble. No caso, eu saí de Paris na manhã de sábado. (Jornalista do *Le Monde*, entrevista realizada no dia 7 de dezembro de 2011).

A entrevista realizada com uma jornalista considerada especialista de periferia no jornal *Libération*, na cidade de Lyon, revela também o peso das experiências anteriores na hora de relatar um fato. Os incidentes em Villeneuve são explicados em comparação com os que aconteceram em 2005, em Clichy-sous-Bois. Embora ela os considere diferentes, eles servem de referência para compreender os incidentes da Villeneuve:

Eu constatei que, em termos de violência foi moderado, não foi como nas revoltas de 2005 [...] foi muito diferente na Villeneuve porque é uma área muito concentrada, enfim, foram três pedras e alguns carros queimados, também teve alguns tiros, mas, na verdade, não foi um enorme movimento como o de 2005. (Jornalista do *Libération*, entrevista realizada no dia 17 de fevereiro de 2012).

Mesmo que ela tenha considerado exagerada as ações e as reações da polícia em relação aos incidentes, os jornalistas não podiam evitar as informações passadas pelos interlocutores institucionais: havia muita pressão para dar conta de tudo o que acontecia na Villeneuve. Isso pode ser explicado pelo fato de que a produção de informação é resultado das interdependências, no sentido eliasiano explicado acima, que se estabelecem entre os jornalistas com os interlocutores e suas estratégias de comunicação, principalmente em um caso de crise. Trata-se de práticas profissionais adotadas em razão de uma relação de interdependências que se estabelece entre os indivíduos. Essa jornalista do *Libération* lembra que no momento dos incidentes na Villeneuve, a polícia informava aos jornalistas números questionáveis relativos aos incidentes, como a quantidade de carros incendiados e o número de interpelações e prisões de jovens. As informações repassadas visavam valorizar a ação da polícia:

Os procuradores comunicavam muito. Houve uma comunicação política incrível. Todas as manhãs, éramos informados que havia tantos carros incendiados, tantos jovens que foram presos, só que o número de carros incendiados era o número de carros incendiados de todo o departamento. Na verdade, percebemos que não havia mais carros incendiados em julho do que no mesmo período do ano passado. (Entrevista realizada no dia 17 fevereiro de 2012).

A profissionalização dos interlocutores interfere na maneira pela qual um assunto é abordado pela mídia (OLLITRAULT, 1999). Ora, a visibilidade de um fato se explica pela atenção dada a ele pelos interlocutores envolvidos. A repórter da *AFP* constata que durante a crise da Villeneuve, não foi difícil obter informações, porque as fontes de sua rede habitual de interlocutores estavam disponíveis para dar entrevistas a todo momento:

A polícia comunicava muito, assim como os promotores. E podemos dizer que houve quase uma espécie de jogo, uma competição entre a polícia e a justiça, porque cada um queria se mostrar o máximo possível, eles tinham que mostrar que pessoas foram presas, etc. Para mim, como jornalista, foi bem fácil, porque eles estavam competindo, eles queriam ser citados, todo mundo queria muito comunicar (Repórter da *AFP* em Grenoble Entrevista do dia 17 março de 2012, tradução nossa).

Os jornalistas têm a tendência de valorizar o seu papel na democracia, afirmando que os interlocutores querem a todo preço ter acesso aos meios de comunicação. Entretanto, os profissionais da mídia não podem controlar a relação de poder que se estabelece entre eles e os interlocutores da maneira como eles declaram nas entrevistas. A produção de artigos sobre os incidentes na Villeneuve está sujeita à “regra de não-ultrapassagem

pela concorrência”, como enfatizou Cyril LEMIEUX (2000:427): “Embora um jornalista considere um fato determinado desprovido em si de atração ou de obrigação, ele se sente, no entanto, obrigado a falar sobre esse fato, para honrar a regra¹²”. Ela funciona, dessa forma, como uma restrição que pesa no seu trabalho, levando os jornalistas, entre outros fatores, a priorizar mensagens produzidas por instituições e atores políticos sobre os atos de violência na Villeneuve. A imprensa opta, muitas vezes, em favor de enquadramentos generalizantes ou enquadramentos “menos sensíveis às diferentes formas de vida” (LEMIEUX, 2000:48), a fim de manter seus leitores.

Além disso, os interlocutores sabem que as mídias dependem, principalmente em uma situação de urgência, de suas declarações para tratar dos incidentes. É o que demonstra a iniciativa da antiga diretora departamental de segurança pública que, durante os incidentes na Villeneuve, decidiu fazer conferências de imprensa regulares para tentar controlar a informação, porque ela sabe que os policiais dão informações aos jornalistas anonimamente. No trecho da entrevista abaixo, ela explica que o objetivo durante a “crise” era de informar o mais rápido possível, organizando suas intervenções públicas:

Eu tomei a decisão, nos eventos da Villeneuve, de comunicar diretamente, imediatamente e de forma rápida, isto é, não deixar os jornalistas esperarem. Essa atitude surpreendeu alguns jornalistas, porque foi a primeira vez que eles estavam vivendo isso. Eu até marquei conferências com jornalistas e eu lhes disse: “Olha, eu não posso falar agora porque estou ocupada, mas dentro de uma hora fazemos uma conferência de imprensa” (Entrevista realizada no dia 6 dezembro de 2011).

Podemos observar até aqui o papel dos interlocutores na produção de informação – mesmo que ele se apresente de maneira diferente de acordo com a linha editorial do jornal – e os limites na rotina de produção de artigos sobre atos de violência em periferias. Embora os jornalistas digam que os incidentes na Villeneuve não se tratavam de uma grande revolta social, eles tiveram que lidar com esse assunto como se fosse o caso.

A RELAÇÃO “VICIOSA” ENTRE PERIFERIA E DESCENDENTES DE IMIGRANTES

Quando os jornalistas são questionados sobre os incidentes de Grenoble, eles recordam os problemas encontrados nas periferias e o papel democrático da imprensa em relatá-los. Como, por exemplo, o jornalista do *Le Monde* que explica a importância do tratamento nacional dado a essa situação:

Estes são problemas que estão ligados a um ambiente social, à pobreza, às dificuldades da juventude de viver nessas periferias, às dificuldades de ser uma parte dos jovens que são descendentes de imigrantes e para os quais todas as portas se fecham; às dificuldades que são cometidas pela crise econômica e social, por uma espécie de xenofobia que está impregnada em nossa sociedade em relação

¹² « Bien qu'un journaliste considère un certain fait comme dépourvu en lui-même d'attraction ou d'obligation, s'auto-contraint néanmoins à en parler, pour honorer la règle ».

às populações imigrantes, principalmente às africanas. Nós estamos numa problemática social, econômica e política fundamental! (Jornalista do *Le Monde*, entrevista realizada no dia 7 de dezembro de 2011).

O jornalista destaca as dimensões sociais e políticas que explicam, segundo ele, os atos de violência: as dificuldades de acesso ao emprego, a desigualdade social, o preconceito em relação aos descendentes de imigrantes... essa observação não se restringe apenas aos comentários dos jornalistas do *Le Monde*. Um repórter do *France Inter* também afirma que as periferias concentram vários problemas encontrados no país, como o desemprego e a pobreza. Ele também foi para Grenoble para produzir reportagens sobre os acontecimentos na Villeneuve. Nessa ocasião, o repórter salienta a importância que um jornalista deve dar aos subúrbios, reforçando o papel político desses profissionais na democracia:

Eu acho que a maioria dos jornalistas franceses começou a entender que nós estamos trabalhando sobre temas muito complexos, como os subúrbios. Temas complexos porque tem problemas de tráfico, mas também problemas sociais e que, enfim, os subúrbios concentram não só um problema, mas todos aqueles de uma sociedade. São assuntos complexos. Nós estamos, ao mesmo tempo, em problemáticas de desemprego, de violência, de polícia, de relacionamento entre os habitantes, de diversidade social ou de não diversidade social. (Repórter na *FranceInter*, entrevista realizada no dia 10 de dezembro de 2011).

Ao definir as zonas urbanas sensíveis como o lugar onde as desigualdades sociais se concentram, os jornalistas excluem todas aquelas existentes em outros lugares. Como afirma o filósofo Cornélius CASTORIADIS (1975:371): “Toda categorização, toda organização que nós instauramos/ descobrimos, mais cedo ou mais tarde acaba por parcial, incompleta, fragmentada, inadequada - e até mesmo, o que é mais importante, inerentemente defeituosa, problemática e, enfim, incoerente¹³”.

Além disso, podemos questionar as declarações dos jornalistas sobre o papel dos jornalistas em dar “voz” aos problemas enfrentados pelas periferias, quando analisamos os artigos publicados: eles acabam se interessando mais pelas consequências do que pelas causas dos atos de violência ocorridos.

Em uma reportagem publicada em agosto de 2010 no *Le Monde*, observamos as razões apresentadas pelos jornalistas desse jornal que levaram os jovens a provocar os atos de violência: o desemprego, a evasão escolar e a atração de jovens pelo “dinheiro fácil”. É o que demonstra a comparação realizada entre jovens de ZUS e o ator Al Pacino, protagonista do filme *Scarface*, remake do filme lançado em 1983, onde ele atua como um criminoso cubano, emigrante para os Estados Unidos, que se enriquece rapidamente com o tráfico de drogas. O jornalista que escreveu o artigo afirma que os jovens de periferia têm como modelo o personagem do ator americano:

¹³ « Toute ensemblisation, toute catégorisation, toute organisation que nous y instaurons/découvrons s'avère tôt ou tard partielle, lacunaire, fragmentaire, insuffisante – et même, ce qui est plus important, intrinsèquement déficiente, problématique et finalement incohérent ».

Al Pacino no filme *Scarface*. O mito do gangster e do dinheiro fácil. A procura de risco, do desejo de consumir, de se mostrar. Não importam as consequências. Para si mesmo - se passar anos na prisão. Para os outros - se disparar suas armas de guerra para tentar escapar da polícia (BRONNER, Luc. Dans le quartier de la Villeneuve, la dérive violente de jeunes en complète rupture. *Le Monde*, 7 de agosto de 2010, p. 8).

Ora, o desemprego e a evasão escolar são frutos de um contexto socio-político mais amplo. Os aspectos controversos da questão da imigração na França e das condições de vida dos indivíduos nas periferias acabam se reduzindo ao curto prazo. Outros exemplos de artigos como esse poderiam ser citados. Mas, esse artigo em especial merece a nossa atenção, porque o jornalista que o escreveu, Luc Bronner, é considerado especialista do tema periferia desde 2005 no *Le Monde*. Ele ganhou o Prêmio Albert Londres em 2007 pela série de reportagens sobre os jovens e as periferias publicada entre 2006 e 2007 e lançou em seguida um livro sobre o assunto (*La loi du ghetto*¹⁴). No entanto, fica evidente que a imigração aparece no artigo citado acima como um dos problemas presentes nas zonas urbanas sensíveis.

A confrontação das entrevistas com as notícias publicadas sobre a Villeneuve revela as técnicas de trabalho dos jornalistas ou o seu “*habitus*” profissional (BOURDIEU, 2002:119-120). Todos os jornalistas entrevistados evocam a vontade de fomentar práticas democráticas através do jornalismo, como uma garantia de profissionalismo. Afirmando a importância de abrir um debate sobre os problemas encontrados nas periferias, os jornalistas estariam reforçando o seu papel na sociedade. Trata-se, assim, de uma estratégia profissional.

Assim, tentando tornar o mundo compreensível, os jornalistas valorizam ou desvalorizam, priorizam e estruturaram diferentes situações. As entrevistas mencionadas acima mostram a importância de se levar em conta a violência nas áreas urbanas sensíveis: elas são apresentadas como um “barril de pólvora”, onde as condições de vida estão se deteriorando cada vez mais e onde há sempre risco de violência.

Diferentes problemas (como a pobreza e o desemprego) são localizados em áreas designadas pela política urbana como prioritárias. Dessa maneira, os problemas e as preocupações que a sociedade está enfrentando correspondem a um lugar que é “definível por propriedades específicas e que servem para apoiar a definição dessas propriedades¹⁵” (CASTORIADIS, 1975: 311). Portanto, a definição de um lugar faz com que ele corresponda às propriedades específicas que são, por sua vez, socialmente construídas. Nesse sentido, os jornalistas abordam as desigualdades sociais de acordo com o que é convencionalmente chamado de zonas urbanas sensíveis. Ora, mesmo que algumas áreas não tenham as características que correspondem à definição prévia de ZUS, elas são apresentadas como tal pelos jornalistas. Como destacam Jacques NOYER e Bruno RAOUL (2011), alguns lugares tornam-se uma “coisa em si” através da mídia.

O termo periferia carrega significados sociais por trás de sua definição: ele é tido pelos jornalistas como um lugar perigoso, marcado pela violência, pela desigualdade social e pela presença de imigrantes. A produção de informação revela, assim, uma rotina que se traduz por interpretações pré-determinadas e que dão sentido à “modelos de evento” e

¹⁴ BRONNER, Luc. *La loi du ghetto*. Paris : Calmann-Lévy, 2010.

¹⁵ « Définissable par des propriétés déterminées et servant de support à la définition de celles-ci ».

conhecimento “que combina memórias profissionais, conhecimento difuso sobre o assunto e estereótipos de senso comum”, como afirma Erik NEVEU (NEVEU, 2009: 67). Mas, além de memórias e estereótipos, o trabalho dos meios de comunicação faz referência a um “imaginário social”. De acordo com Cornélius CASTORIADIS (1975), o imaginário social é uma forma de organização: ele organiza e dá sentido às práticas sociais. O imaginário é uma maneira própria a uma sociedade de pensar, de agir, de olhar o mundo e a si mesmo.

SEDIMENTAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL DA MÍDIA

O conceito de imaginário permite constatar que cada sociedade constitui o “real” e o seu “real” num dado momento. Os jornalistas participam dessa constituição ao selecionar as experiências que devem ser visibilizadas e constituir a atualidade. Neste sentido, nós nos referimos a um “imaginário social da mídia”, que consiste em dar forma ao nosso mundo comum (ao tornar público as experiências que estão em torno de nós), mas também em tornar visível o espaço social (BOURDIEU, 1984), ou seja, o estado das relações entre os indivíduos no mundo, suas diferentes maneiras de viver e as relações entre as classes sociais.

Ao relatarem um caso de violência urbana, os jornalistas destacam as características gerais das zonas urbanas sensíveis (ZUS) na França. As características de seus moradores mudaram pouco nos últimos anos: em geral, eles são mais jovens do que o resto da população. As ZUS de Île-de-France são caracterizadas, por exemplo, por uma baixa proporção de pessoas mais velhas. Em 2006, 4,4 milhões vivem em ZUS, ou seja, 7% da população francesa.

Figura 2 : « População das ZUS por região em 2006 », fonte : Chevalier Corinne, Secrétariat général du Comité interministériel des villes, Onzuz (Observatoire national des zones urbaines sensibles), Lebeau-pin François, division des Études territoriales, Insee, « La population des zones urbaines sensibles », *Insee Première*, n°1328, décembre 2010.

Région	Nombre de ZUS	Population en ZUS*	Part de la population régionale en ZUS (en %)	Taux d'évolution annuel moyen de la population en ZUS 1999-2006 (en %)
Alsace	19	128 300	7,1	-0,6
Aquitaine	24	139 500	4,5	0,4
Auvergne	17	66 400	5,0	-1,1
Basse-Normandie	12	50 700	3,5	-1,8
Bourgogne	22	78 400	4,8	-2,0
Bretagne	20	88 400	2,8	-0,8
Centre	30	116 900	4,6	-1,3
Champagne-Ardenne	31	131 200	9,8	-1,6
Corse	5	30 100	10,2	1,0
Franche-Comté	23	78 200	6,8	-1,2
Haute-Normandie	25	124 800	6,9	-1,7
Île-de-France	157	1 278 300	11,1	0,2
Languedoc-Roussillon	28	137 400	5,4	0,4
Limousin	3	18 300	2,5	-0,3
Lorraine	38	145 000	6,2	-1,3
Midi-Pyrénées	14	60 100	2,2	-0,5
Nord - Pas-de-Calais	73	410 100	10,2	-0,5
Pays de la Loire	29	142 800	4,1	-1,1
Picardie	21	132 900	7,0	-0,7
Poitou-Charentes	14	65 700	3,8	-1,0
Provence - Alpes - Côte d'Azur	48	393 400	8,2	0,4
Rhône-Alpes	64	339 500	5,6	-0,3
France métropolitaine	717	4 156 400	6,8	-0,3
DOM	32	204 600	11,5	nd

nd : non disponible

* effectif arrondi à la centaine.

Source : Insee, recensements de la population.

Observamos, através das estatísticas na *Figura 2*, que a população ZUS diminuiu ao longo do tempo em algumas áreas. A taxa de variação da região Rhône Alpes, por exemplo, é negativa (-0,3). No entanto, em Île-de-France a taxa é positiva (0,2). A população ZUS está crescendo devido ao aumento acentuado do total da população nessa região. O exemplo do que acontece na Île-de-France mostra que as características de cada ZUS estão ligadas com as características da região onde elas estão localizadas. Isso significa que os habitantes de ZUS representam as características da população da região ao qual eles pertencem. Em Nord-Pas-de-Calais, por exemplo, o número de estrangeiros que moram nas zonas urbanas sensíveis é pequeno, assim como pode-se observar nas áreas urbanas fora das ZUS. Dessa forma, as características dessas zonas são variadas.

A interpretação jornalística generaliza as características de ZUS, uma vez que a mídia não leva em conta as peculiaridades das periferias e da população que vive por lá. Ora, mais do que uma generalização, trata-se de uma incoerência, porque os índices de precariedade (como por exemplo, o número de desempregados ou de beneficiários de uma ajuda para moradia) não estão restritos às áreas urbanas sensíveis. Em uma cidade como Grenoble, por exemplo, esses índices vão além dos limites administrativos das áreas contempladas pela política urbana. O centro de Grenoble também tem índices de precariedade: a taxa de pessoas de baixa renda sem filhos é muito expressiva nessa região (BERTHELOT, 2008).

A mídia reitera determinadas representações sociais dos indivíduos

(incluindo imigrantes e descendentes de imigrantes) e das classes populares assim como suas atitudes e suas atividades pressupostas (associando explicitamente, por exemplo, descendentes de imigrantes ao tráfico de drogas em razão da suposta falta de estudos desses indivíduos). Essa associação também é explicada pelo lugar ocupado por eles na estrutura social. Nos bairros de ZUS, o número de imigrantes é relevante. Em Rhône-Alpes, os imigrantes são duas vezes mais numerosos do que outros indivíduos a viver em uma habitação precária (30% contra 15%). Essa tendência também é observada no nível nacional. Quase um em cada cinco imigrantes - e seus descendentes - que vive em zonas urbanas sensíveis residem duas vezes mais frequentemente em ZUS do que a população francesa em geral (BOUVIER, 2012). Além disso, na região Rhône-Alpes, a população imigrante é muito mais exposta ao desemprego do que a média da população: essa relação é de 19,8% contra 11% em 1999 (SCHWEITZER, 2009). O que queremos dizer é que essa associação faz referências às normas sociais. Como sustenta Erving GOFFMAN (1975:12), toda sociedade designa os “atributos pessoais (por exemplo, a honestidade) e estruturais (a profissão)” “para categorias de pessoas que ela considera comuns e naturais a cada uma dessas categorias” (1975:11). Esses atributos são um estigma que torna uma pessoa diferente em relação aos outros membros da sociedade, fazendo dela “alguém inteiramente má, ou perigosa, ou sem caráter”. Isso significa que o estigmatizado é socialmente definido.

O conceito de estigma e de imaginário dão sentido às práticas profissionais de jornalistas das mídias francesas. O interesse comum por esses atos de violência indica uma maneira de ver e explicar o mundo que, eventualmente, reforça a imagem pública (GOFFMAN, 1975) de certos indivíduos. Nesse sentido, os jornalistas acabam tornando evidente a relação entre os incidentes nas periferias (chamados pela imprensa de violência urbana) e o fenômeno migratório. Os atos de violência nas periferias são considerados pelos jornalistas como um problema primordial da sociedade francesa, ao longo dos últimos trinta anos. Nós demonstramos, através do exemplo dos incidentes na Villeneuve, como a mídia participa na constituição e instituição de papéis para figuras públicas (GOFFMAN, 1975:89).

Nesse estudo de caso, estratégias e hábitos - tais como a regra de não-ultrapassagem pela concorrência - acabam se tornando normas que não se revelam, por sua vez, nas declarações dos jornalistas. Eles tentam valorizar o papel da imprensa na democracia e seu papel de atuar como serviço público ou contra poder. Entretanto, dentro dos próprios meios de comunicação existem obstáculos que impedem ou dificultam a visibilidade de uma questão: o recrutamento de jornalistas na França se caracteriza pela sua homogeneização. As origens sociais dos futuros profissionais do ramo são cada vez mais distantes das classes sociais mais modestas (LAFARGE; MARCHETTI, 2011).

É importante frisar também que houve manifestações por parte dos moradores da Villeneuve em relação ao tratamento midiático dos incidentes em Grenoble (PAES, 2015). Portanto, mesmo se chegamos à conclusão de que as práticas jornalísticas são muitas vezes consensuais, observamos também que elas são objeto de questionamento por parte dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mídias tradicionais não são o único “lugar” onde debates são alimentados, mas elas contribuem para a visibilidade de questões públicas e de inúmeras temáticas. Através da análise desse caso de violência específico, pode-se observar o trabalho dos jornalistas na institucionalização do problema da imigração. No caso dos incidentes na Villeneuve, a análise demonstrou que os jornalistas acabam agindo de maneira consensual diante de um caso de crise, contribuindo para a estigmatização de indivíduos que estão em situações precárias de habitação ou de emprego. É como se os problemas enfrentados nas periferias se resumissem ao problema do fluxo migratório na França.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUD, Stéphane; MASCLET, Olivier. Des « marcheurs » de 1983 aux « émeutiers » de 2005. Deux générations sociales d'enfants d'immigrés. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, nº4, 2006, p.809-843.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas (1966). *La construction sociale de la réalité*. Paris : Armand Colin, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Espace social et genèse de « classes ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 52-53, 1984, p. 3-14.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*, Paris : Les Editions de Minuit, 2002.

BOUVIER, Gérard. *Les descendants d'immigrés plus nombreux que les immigrés : une position française originale en Europe*. Collection Insee Référence, 2012.

CASTORIADIS, Cornélius. *L'institution imaginaire de la société*, Paris : Editions du Seuil, 1975.

COLLOVALD, Annie. Des désordres sociaux à la violence urbaine. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº136-137, 2002, p.104-113.

ELIAS, Norbert. *La société des individus*. Fayard, 1991.

ELIAS, Norbert. *Qu'est-ce que la sociologie ?* La Tour-d'Aigues, Éd. de l'Aube, 1991.

ENTMAN, Robert. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, vol. 43, nº4, Autumn, 1993, p. 51-58.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. *L'écriture de l'actualité. Pour une sociologie du discours médiatique*. Grenoble : PUG, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Les cadres de l'expérience*. Paris : Minuit, 1974.

GOFFMAN, Erving. Stigmate. Les usages sociaux des handicaps, Paris : Les Editions de Minuit, 1975.

HADJ, Belgacem Samir; BEAUD Stéphane. Compréhension et distanciation. Paroles de jeunes sur les émeutes de novembre 2005. In : FASSIN, Didier (dir.). Les nouvelles frontières de la société française. Paris : La Découverte, 2010.

LAFARGE, Géraud. La double construction de la sociologie de l'exclusion. Regards Sociologiques, n°23, 2002, p.59 -74.

LEMIEUX, Cyril. Mauvaise presse. Paris : Editions Métailié, 2000.

NEVEU, Erik. Sociologie du journalisme. Paris : La Découverte « Repères », 2009.

NOYER Jacques ; RAOUL Bruno. Le « travail territorial » des médias. Pour une approche conceptuelle et programmatique d'une notion. Etudes de communication[en ligne], n° 37, 2011, mis en ligne le 01 décembre 2013. Disponível em: /index2933.html. Acesso em: 29 de maio 2012.

OLLITRAULT, Sylvie. De la caméra à la pétition-web: le répertoire médiatique des écologistes. Réseaux, n°98, 1999, p. 153-185.

PAES, Paula de Souza. Les Médias et la Diversité: La Mise en Cause des Pratiques Journalistiques par des Habitants du Quartier de la Villeneuve en France. Ação Midiática, n°9, 2015, p. 1-13.

RINGOOT, Roselyne ; RUELLAN, Denis. Pairs, sources et publics du journalisme. IN : Olivesi S. (dir.). Sciences de l'information et de la communication. Objets, savoirs, discipline. Grenoble: PUG, 2006.

SCHWEITZER, Sylvie. Regards sur les migrations aux XIXe et XXe siècles en Rhône-Alpes. Hommes et Migrations, n° 1278, 2009.

SEDEL, Julie. La banlieue comme enjeu de lutte symbolique. Contribution à l'étude des relations entre médias et champs sociaux. Tese (doutorado em sociologia). Orientador : Patrick Champagne. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Paris, junho de 2007.